AMOR E NECESSIDADE:

O AMOR É UM PACOTE OU UMA MENSAGEM?

Thomas Merton afirma que o amor não é algo aleatório ou que simplesmente acontece conosco, ele é “*uma determinada maneira especial de estar vivo*”, é uma intensificação e uma inteireza da vida, vai além de uma completude da vida, chega a ser uma plenitude desta.

Tal colocação foi feita pelo autor em contraposição da visão casuística do sentir amor, tomando como exemplo o próprio termo utilizado em algumas culturas, tal como o é na língua inglesa: “*to fall in love*” (cair no amor), ou pelos franceses: “*tomber amoureux*” (cair enamorado), como se o amor fosse quase um acidente, envolvendo medo, espanto, fascínio e confusão, sensações associadas à dúvida e hesitação, diante de uma situação de possível perda de controle, alheia a vontade de quem com tal sentimento se envolve. Tal visão poderia levar aos frios e fleumáticos a se acautelarem com a possível “queda”, controlando-a de tal forma a não se “machucarem”, a não se permitirem lesionar com o possível envolvimento, mantendo-se precavidamente afastados de tão perigoso evento.

Lembra-nos, porém, Merton, que não somos autômatos ou máquinas insensíveis, viemos ao mundo para viver. Como ele afirma: “*a vida não é uma linha reta horizontal entre dois pontos, o nascimento e a morte*”, pois, em oscilações frequentes, vivendo os altos e baixos da existência, “*a pessoa transcende a si mesma em encontro, resposta e comunhão como uma outra*”. Esta, segundo Merton, é a razão de nossa vinda a este munda, ou seja, para experienciarmos essa comunhão com o outro, para essa transcendência de si. Apresenta-nos, então, uma maravilhosa afirmativa: “*não nos tornamos plenamente humanos até nos darmos um ao outro no amor*”, envolvendo a entrega de si, a partilha, o mútuo cuidado e a atenção espiritual, indo muito além da mera realização sexual.

Assim, pode-se dizer que o amor é o verdadeiro destino do ser humano, e este jamais atingirá a sua plenitude sem que esteja apoderado pela paixão, por outro ser ou por Deus. Por conseguinte, nossa atitude em relação ao amor é o ponto central de nossa atitude em relação à vida, fazendo com que sua real existência seja capaz de transformarmo-nos em um novo ser. Será que, dessa forma, haveria sentido na vida sem que o amor fosse plenamente vivido?

Chega, então, o autor ao questionamento central do capítulo: será que a forma mercadológica da sociedade em que vivemos de encarar o amor como um *pacote*, trazendo uma visão e uma possível vivência pré-fabricadas e estabelecidas aprioristicamente, representa, de fato, o verdadeiro amor?

Ao detalhar esta visão do amor, Merton a caracteriza como uma *transação*, envolvendo pessoas com necessidades e disponibilidades, dispostas à troca cotidiana, na qual o produto a ser “comercializado” torna-se mais ou menos importante de acordo com seu valor aparente e momentâneo. O autor chega a afirmar que o valor do produto pode ser até ludibriado com um belo embrulho, afinal, a aparência nessa transação mercadológica é muito importante. As pessoas passam a ser um objeto exposto à venda, no desejo permanente de atrair bons fregueses. Deixamos, com isso, de ser pessoas, seres, e passamos a ser *produtos*, e, consequentemente, não há entrega pessoal em uma relação amorosa, mas sim uma transação temporária e existente apenas enquanto valorosa, sustentada por necessidades pontuais e instintivas. Esta visão acaba corroborando com o “cair” no amor, inicialmente apontada, alimenta o divertido golpe de sorte ocasional e fortuito, quase um jogo, um processo que, aparentemente, faz com que tudo funcione na sociedade como se fora um verdadeiro mercado humano, é uma troca de *produtos*, em um *compra e venda* de necessidades e satisfações. A barganha dos negócios é observada na transação do amor, cujo lucro não necessariamente é o dinheiro, mas as gratificações, normalmente pontuais e ilusórias. Infelizmente, a valoração do essencial passa a ser desviada para o supérfluo, para os acessórios, tendo a própria transação, o negócio, maior importância do que a essência, o conteúdo.

Merton nos lembra do aparente heroísmo de Don Juan, apontado por Albert Camus, em seu livro *O mito de Sísifo*, pelo fato de suas “proezas amorosas”, cujo destaque era a abordagem quantitativa do amor, o elevado número de conquistas, praticando uma “ética da quantidade”. Tempos depois, lembra-nos Merton, o próprio Camus afirmou que a ética da quantidade apresentada e louvada por ele na figura de Don Juan, pode ter igualmente sua repercussão no ódio, além do amor, sendo, segundo Merton, “*uma resposta indireta ao absurdo essencial da vida*”. Aos poucos, Camus migrou seus escritos para a ética do amor, do sacrifício e da compaixão. Nessa linha, Merton destaca a perigosa possibilidade dos que consideram o amor uma transação de “*cair numa ética puramente quantitativa*”.

Tal citação lembra-nos a ética de John Stuart Mill que tem por base o princípio da maior felicidade, isto é, uma ação que é vista como moralmente certa por maximizar a felicidade para o maior número. É um tipo de ética consequencialista, dando sustento ao utilitarismo, afastando-se de qualquer pretensão metafísica de encontrar princípios ou verdades absolutas, refutando, assim, toda a tentativa de fundamentar a moral em valores ou princípios absolutos. Em que pese Stuart Mill atribuir maior importância aos prazeres ligados ao espírito e aos sentimentos nobres da amizade, da honestidade e do amor, ele aponta sempre para as ações humanas tendo como principal objetivo a felicidade, a qual identifica com o bem supremo.

Possivelmente, ao serem associadas as duas linhas acima citadas, a ética da quantidade de Camus e o utilitarismo de Stuart Mill, creio que podemos chegar próximo da visão de Merton sobre o amor mercantilista moderno.

A busca da felicidade por meio de um frequente e contínuo experienciar de trocas e barganhas sentimentais, tentando ajustar-se ao *modus operandi* moderno dos relacionamentos, leva as pessoas a vivenciarem, como diz Merton, uma sensação corrosiva de terem sido enganadas e que suas vidas não são, de forma alguma, vidas reais. Algumas delas acabam chegando à conclusão do nenhum valor existente em tais transações. Percebem que tudo é oco. Para estes que chegam a ter tal percepção, segundo Merton, há ainda alguma esperança, apesar da grande frustração sentida diante do vazio gerado pela visão do amor apenas como uma necessidade, um desejo, um apetite.

Como se pode chegar a plenitude do amor verdadeiro partindo do princípio negativo de que o amor é uma carência, um vazio a ser preenchido, uma troca de necessidades?

Afirma, então Merton: “*o amor não é uma questão de se obter o que se deseja. Muito pelo contrário. A insistência em sempre ter o que se deseja, em sempre obter satisfação, em sempre ser saciado, torna o amor impossível*”. Por conseguinte, para se amar faz-se necessário que se saia do casulo, da ânsia constante de se obter, partindo para “*a maturidade da doação*”. Assim, pode-se chegar a conclusão de que o amor não é uma transação, mas sim um sacrifício (sagrado ofício).

O amor, como força positiva, como poder espiritual transcendente, é muito mais do que uma necessidade atendida, vai além da mútua companhia e do consolo, cada envolvido deixa de ser o eu comum, renovando-se, exteriorizando o seu mais profundo valor. Como diz Merton, “*o amor sabe, compreende e satisfaz as exigências da vida, na medida em que responde com calor, abandono e entrega*”. Porém, tudo isso dificilmente se aflora enquanto o ser estiver aprisionado pelo egoísmo humano. O meu verdadeiro valor descortinado, indo além das minhas aparentes falhas e limitações, o meu eu verdadeiro revela-se e extravasa-se independente das minhas imperfeições exteriormente identificadas. Ao contrário das transações comerciais, o pacote não tem qualquer importância, por mais belo que seja, o valor está apenas no conteúdo. Deixa de existir um produto a ser trocado, volta a existir uma pessoa que se manifesta, que se revela, que se doa. Afirma, assim, Merton, que o amor “*não é só uma maneira especial de estar vivo, é a perfeição da vida*”.

Segundo o autor, talvez aí é que mora o tão propalado perigo do amor, pois por intermédio dele é que as pessoas encontram em si intensos e novos poderes, transformando os valores da vida: o que era valioso passa a ser banal, o que era anteriormente trivial torna-se importante, o que era simples vira complexo e o que era impossível passa a ser realizável. Tudo isso é fruto do poder do verdadeiro amor.

Entretanto, tamanha força e poder somente poderá ser sentida com a madura percepção do amor na vida. Como diz Merton, as ideias erradas podem obstaculizar que o amor cresça e amadureça, o pensamento equivocado pode inibir o amor. Como foi destacado no início, a equivocada visão do amor como uma transação comercial, uma troca de necessidades e desejos a serem respondidos, faz com que o crescimento do amor seja debilitado ou mal orientado.

Pelo exposto, em que pese todo bombardeio midiático sobre o consumismo do amor, suas permutas e seus ganhos prazerosos e ilusórios, o simples fato de percebermos tal realidade e buscarmos o amor verdadeiro, doador e sacrificial, já nos impulsiona ao seu crescimento orientado e maduro.

Avancemos, tal como os profetas e poetas que enaltecem o verdadeiro amor, refutando as transações comerciais amorosas, mesmo que em vozes isoladas e uníssonas, busquemos um clima de pensamento mais sadio, construamos, segundo Merton, “*um mundo de satisfações simbólicas menos falacioso*”.

Rev. Frei João Milton.